

Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. L. "Performative Utterances". IN: **Philosophical Papers**. J. O. Urmson e G.J. Warnock (orgs.) Oxford: Clarendon Press, 1961.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge University Press, 1987.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Language and Identity. IN: DURANTI, A. (ed.) **A Companion to Linguistic Anthropology**. Malden, USA / Oxford, UK .

CARLOS, M. Crônica: **Apaixonet**. Revista Veja Rio. Ano 39, nº43, p.82 01/11/1986.

_____. Crônica: **Viver**. Revista Veja Rio. Ed. 2073. Ed. Abril. Ano 41, nº32, p.162. 13/08/2008.

CELCE-MURCIA; M. LARSEN-FREEMAN, D. **The Grammar Book an ESL/EFL Teacher's Course** . Second Edition Copyriht 1999 by Heinle & Heinle Publishers.

CORPUS LINGUATECA SÃO CARLOS. Centro de recursos distribuído para o processamento computacional da língua portuguesa. Em: < <http://www.linguateca.pt>> Acesso em janeiro de 2009.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002. Título original: La notion de culture dans les sciences sociales.

CUNHA, C.; CINTRA, F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DE CHERCHIA, G. "Três abordagens para a semântica e seus limites" In: **Semântica**. Tradução de Luis Arthur Pagani e outros. Campinas: Ed. Unicamp/ Eduel, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens**. Porto Alegre, ARTMED, [2006] 2007. p. 432.

DERRIDA, J. "Assinatura, Acontecimento, Contexto" IN: **Margens da filosofia**. Tradução Joaquim Torres Costa, Antonio M. Magalhães. Campinas, S.P.: Papirus, 1991.

DUBOIS, J. et alli. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.
DURANTI, A. Theories of culture. IN: **Linguistic anthropology**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997. p.23-50

FLORISSI, S. **Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da Comunicação** / Susanna Florissi, Maria Harumi Otuki de Ponce, Silvia R. B. Andrade Burim, São Paulo: Special Book Services Livraria, 2000.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

GOFFMAN, E. IN: FIGUEIRA, S. (org) **Psicanálise e Ciências Sociais**: Tradução de J. Russo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980. p. 76-114.
Texto original: [1967. on face work. In: Interection ritual. N.Y. Pantheon Books.

HOLLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HYMES, D. (1972) IN: MORAES BEZERRA, I. C. R. **Formação de professores de inglês: embate e caminhos na construção do conhecimento e da identidade profissional**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2000. Dissertação de Mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada.

JÚDICE, N. (org.). **Ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros: pesquisas e ações**. Niterói- RJ : Intertexto, 2005.

_____. Quem conta um conto? A sala de aula de PLE como ponto de encontro entre culturas. In: ALMEIDA FILHO, J.C. de (Org.). **Português para Estrangeiros: Interface com o espanhol**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2001 p.33-57.

KATO, A. M. Uma taxionomia de similaridades e contrastes entre línguas. IN: BOHN, H. I.; VANDERSEN, P. (org) **Tópicos de linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Ed. da UFSC (série didática). 1998.

LIMA, O.F.E.E. (et. al.). **Avenida Brasil: curso básico para estrangeiros**. São Paulo: EPU, 1991.

LOPES, D. A. **Exames de gente grande**. Revista Saúde. Ed. 2073. Ed. Abril. Ano 41, nº32, p.86-87. 13/08/2008.

LUFT, L. **Velhos amantes, novos amigos**. Revista Veja. Ed. 2074. Ano 41. nº43. p.26, 20/08/2008.

MARTINS, H. **“Metáfora e polissemia no estudo das línguas do mundo: uma aproximação não representacionista”**. Tese de Doutorado inédita. UFRJ, 1999.

MEYER, R. M. de B. (org) **PALAVRA** / Departamento de Letras da PUC-Rio Nº 13. Série Linguagem. Volume temático: Português como segunda língua para falantes de inglês. Rio de Janeiro. Edições Galo Branco, 2004.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000. 1037 p.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 160 p.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4ª edição. São Paulo. Editora Ática, 2002a.

PERINI, M. A. **Modern Portuguese: a reference grammar**. New Haven: Yale University Press, 2002b. 621 p. (Yale language series)

PETRY, A. **Eichmann em Cuba**. Revista Veja. Ed. Abril. Ed.2071, Ano 41. nº30. p.77. 30/07/2008.

PONCE, H. de. **Panorama Brasil: Ensino do Português do mundo dos negócios** / Harumi de Ponce, Silvia Burim, Susanna Florissi. São Paulo: Editora Galpão, 2006.

PORTELA, F. **“Saudade de Minas”**. Entrevista: José Alencar. Revista Veja. Ed. 2074. Ano 41. nº43. p.17, 20/08/2008.

RAJAGPOPALLAN, K. (no prelo). **Quando o humor azeda: o ‘Episódio Rushdie’ em retrospectiva**. Traduzido do original inglês When humor turns sour: the ‘Rushdie episode’ in retrospect, por Almiro Pisetta. A ser publicado em Estudos Avançados. Nº 26 USP.

REVISTA VEJA ESPECIAL OLIMPÍADA. A maior ameaça a Jade. Seção: Os jogos na TV. Ed. 2071. Ed. Abril. Ano 41. julho 2008.

REVISTA VEJA, ano 39, nº 43, 01/11/2006. Seção GENTE: **“papel oficial: Velho amigo de família”** (2006) Acesso Internet: <www.veja.com.br> 23/02/2009.

ROBINS, R. H. **Pequena história da lingüística**. Trad. De Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004. 240 p. Título original: A short history of linguistics.

SIGNORINI, I. (org) **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras; São

Paulo: FAPESP, 1998. (Texto: Revuz, C. “A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”).

SUPER INTERESSANTE. “**Realidade em escala**”, Zoom. Edição: 288, p.76. Ed. Abril, 2006.

TOLEDO, P. de. **Barba de Tolstoi, alma de Dostoievski**. Ed. 2073. Ed. Abril. Ano 41. nº32, p.162. 13/08/2008.

TORRES, F. **O impossível amor**. Veja Rio. Ed. Abril. Ano 41. nº22. p.114. 04/06/2008.

_____. **Eu amo a Barra**. Veja Rio Ed. 2073. Ed. Abril. Ano 41. nº32, p.162. 13/08/2008.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1989. Séries: Os pensadores. IN: SCHERER, M. **Uma questão de vocabulário. Considerações sobre o campo lexical no ensino de português para estrangeiros**. Dissertação de Mestrado PUC-Rio 2002.

WEEDWOOD, B. **História concisa da lingüística**. Trad. De Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 168 pp. Título original: A concise story of linguistics.

7

Anexos

Gente

Papel oficial: velho amigo da família

Solteiro há cinco anos, o galã **Antonio Fagundes**, 57 anos, dedica-se desde então a pular de galho em galho (sendo todos os galhos na faixa dos 25, 30 anos). Ultimamente, estacionou em **Vivianne Ventura**, 29 anos, a arguta administradora de empresas que venceu o primeiro *O Aprendiz* (2004) e permanece até hoje como funcionária de Roberto Justus. Fagundes a conheceu bebê, pois é velho amigo da mãe dela, a atriz Cléo Ventura. Agora crescidinha, Vivianne, de férias na Europa, foi passar alguns dias com o ator em Lisboa, onde ele cumpre temporada teatral. Passearam de mãos dadas, fizeram compras – mas não, absolutamente, de jeito nenhum, não estão namorando. "Sou solteiro. Mas nunca sozinho", teoriza Fagundes. Como se vê, Vivianne não está demitida.

Caras Portugal



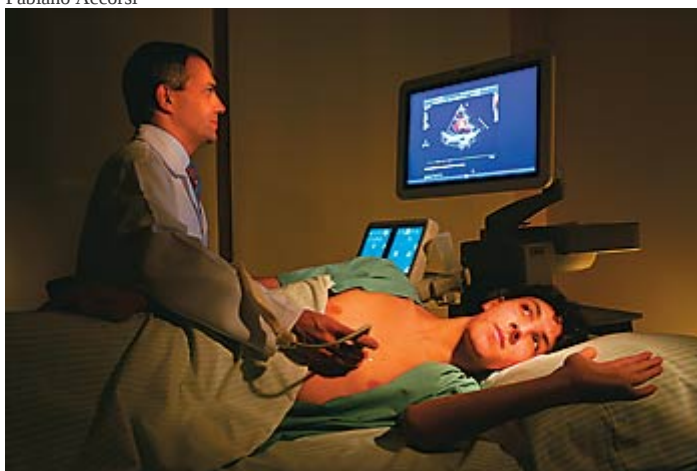
Vivianne e Fagundes em Lisboa:
mãos dadas

Exames de gente grande

Hospitais brasileiros oferecem check-up para adolescentes, mas alguns médicos acham exagero submetê-los a uma bateria de testes nessa fase da vida

Adriana Dias Lopes

Fabiano Accorsi



Em forma para o vestibular

O estudante Felipe, de 17 anos, faz um ecocardiograma no Hospital Sírio-Libanês: saúde em dia para as provas que virão

O paulistano Felipe Chamis tem 17 anos e uma responsabilidade pela frente: vai enfrentar o vestibular no fim do ano. Até lá, divide-se entre a rotina diária de esportes – basquete, tênis e futebol – e o mergulho nas dezenas de livros de preparação para as provas. Para certificar-se de que o corpo dará conta da sobrecarga física e emocional, sua mãe achou adequado submeter Felipe a um check-up com testes específicos para adolescentes. A exemplo dos principais centros de saúde americanos, onde a especialidade existe há quase dez anos, os hospitais Sírio-Libanês, Oswaldo Cruz e o Hospital do Coração, todos em São Paulo, passaram a oferecer exames preventivos direcionados a pacientes de 10 a 20 anos. "Como meu filho não come bem, quero estar segura de que ele está saudável para enfrentar a tensão do vestibular", diz Cléa, mãe de Felipe. Em uma manhã, o garoto cumpriu toda a bateria de exames num único lugar – sem reclamar. O check-up juvenil é uma versão mais enxuta do protocolo hoje oferecido aos adultos. Feito a cada dois anos, inclui desde coleta simples de sangue, para detectar distúrbios como colesterol alto e diabetes, até ecocardiograma (*veja o quadro abaixo*). Não há novas máquinas ou exames criados especificamente para essa finalidade. "A diferença está nas doenças rastreadas e na interpretação dos resultados", diz Danielli Haddad, cardiologista do Hospital Sírio-Libanês.

A lógica do check-up é identificar doenças e seus fatores de risco em estágios bastante iniciais, quando as chances de cura são maiores. No caso dos

adolescentes, ponha-se inicial nisso... Há quem condene esse tipo de exame em gente tão jovem por considerar que é cedo demais para inculcar nos adolescentes a preocupação exagerada com a saúde. "Afimal, eles terão praticamente toda a vida adulta para se incomodar com isso", diz Marcelo Reibscheld, pediatra do Hospital e Maternidade São Luiz. Já os defensores de tais métodos de diagnóstico precoce argumentam que os adolescentes de hoje são submetidos a stress de **gente grande**. Pior: têm hábitos de vida precários, muito parecidos com os dos adultos. Alimentam-se mal, são sedentários e muitos ainda fumam e bebem. Boa parte dos maus hábitos que serão carregados ao longo da vida é determinada justamente na fase que vai dos 10 aos 20 anos de idade. "Daí por que é preciso intervir nessa fase, quando ainda há tempo de reverter os comportamentos de risco", diz o cardiologista Marcus Bolívar Malachias, diretor do departamento de hipertensão da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Um estudo recente feito pela Universidade Federal de São Paulo revelou que os adolescentes do país começam a beber cada vez mais cedo: aos 13 anos. Dos adultos que bebem regularmente antes dos 14 anos, 47% se tornam dependentes do álcool.

Roberto Pompeu de Toledo

Barba de Tolstoi, alma de Dostoievski

"Soljenitsin foi um grande escritor que ajudou a derrubar um regime. No exílio, passou de dissidente russo a dissidente do tempo em que vivia. Revelou-se um desamparado da história"

(...).

Saudade da União Soviética. Também conhecida por URSS (serviço poupa-Google para os jovens: a sigla quer dizer União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), quase tudo deu errado em sua atribulada existência (1917-1991), mas pelo menos um produto notável ela gerou: o dissidente soviético. Que vozes respeitáveis! Que impacto universal não provocavam! Entre todos, o mais notável foi o que morreu na semana passada, em Moscou, aos 89 anos: o escritor Alexander Soljenitsin.

O dissidente russo era, à sua época, a mais acabada encarnação do "grande homem". Ninguém mais fala em "grande homem". Antes se falava. Júlio César foi um grande homem. Napoleão foi um grande homem. Depois veio a consciência do custo que cobraram, em vidas, para atingir o estágio de grandes homens, e ficou incorreto continuar a referir-se a eles como tal. O epíteto sobrou para as pessoas dedicadas a causas de indiscutível justeza e dotadas de inatacável autoridade moral. A podridão do regime da URSS não oferecia margem a dúvidas. Os dissidentes eram intelectuais dispostos a sacrifícios pessoais, inclusive enfrentar a prisão e o exílio, em favor da causa. A combinação de causa justa com autoridade moral encaixava-os à perfeição no molde do grande homem. Foram os últimos. Depois deles não surgiram causa nem autoridade moral suficientes para produzir grandes homens

MANOEL CARLOS

Viver

Pode-se ter uma grande razão para viver. E por essa mesma razão pode-se morrer. São muitos os episódios, na história, de gente que viveu por uma causa pela qual morreu. Acho que todos nós admiramos essas pessoas e gostaríamos de viver (e morrer) com esse desprendimento que revela, ao mesmo tempo, forte determinação. Gosto muito da história de Adrienne Lecouvreur, atriz da Comédie-Française, que viveu na França, o século XVIII. Como se sabe, para a Igreja, naquela época, o teatro era considerado maldito, e atores e atrizes, vítimas da mesma maldição, eram compulsoriamente excomungados e não mereciam, ao morrer, o benefício da extrema-unção, o mais importante entre os sete sacramentos da Igreja Católica. Pois bem: Adrienne, ao adoecer e sentir a proximidade da morte, quis se confessar e comungar, para merecer o perdão da Igreja e alcançar, assim, em sua visão de agonizante, as delícias do paraíso. A Igreja acatou a sua decisão, mas impôs, como condição, que ela renegasse a profissão de atriz. O que se esperava que fosse uma opção de fácil escolha acabou por surpreender a todos: Adrienne, entre lágrimas de indizível sofrimento, recusou o sacramento, pois faria qualquer sacrifício pela salvação da sua alma, menos renegar o que chamava de a sua arte. A arte de representar. Com isso, conta-nos Camus em *O Mito de Sísifo*, Adrienne demonstrou uma grandeza que, no palco, nunca teve. E acabou sendo esse, seu último papel, o mais belo e mais difícil de interpretar.

Diante desse episódio, nos perguntamos: então é possível alguém arriscar-se ao inferno para não renegar a sua arte, a sua profissão, o seu trabalho? Então pode uma atriz recusar o céu por amor ao teatro? Então existem pessoas assim? E, se a perda do paraíso não significa nada para os que nele não acreditam, existirão artistas que hão de preferir morrer a viver sem poder exercer a sua arte?

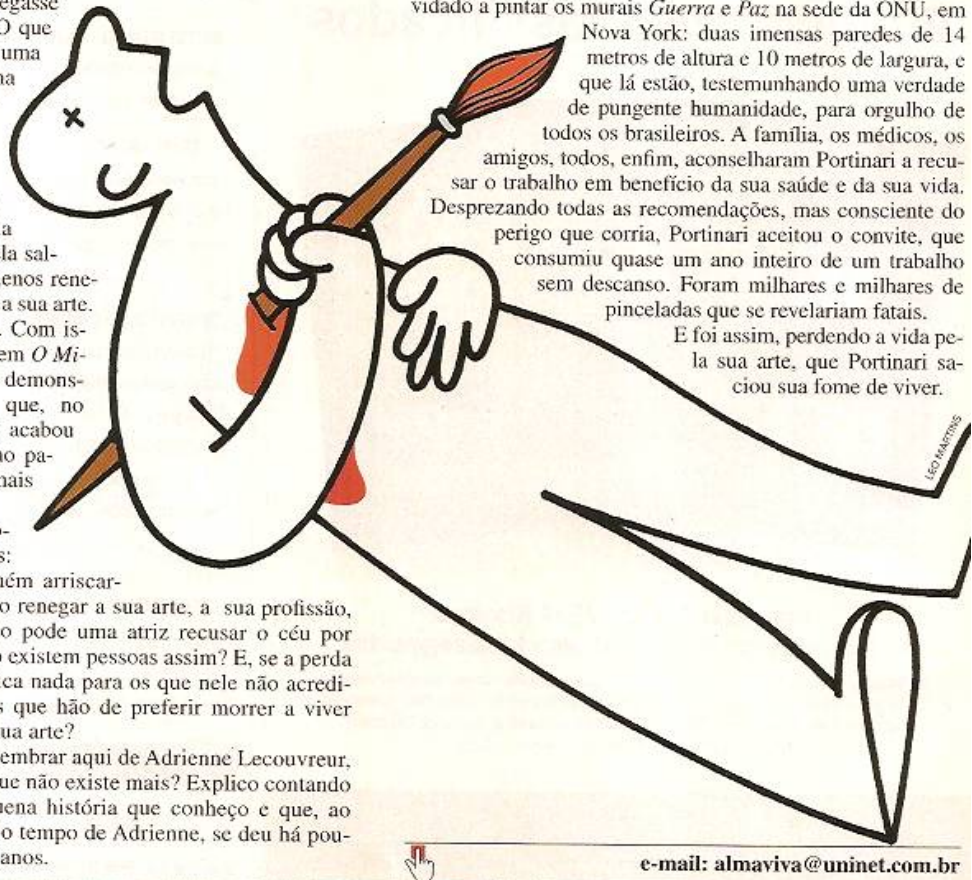
Por que estou eu a lembrar aqui de Adrienne Lecouvreur, artista de um tempo que não existe mais? Explico contando para vocês uma pequena história que conheço e que, ao contrário do longínquo tempo de Adrienne, se deu há pouco mais de cinquenta anos.

Em 1954, Portinari, nosso artista plástico maior, foi proibido de usar — sequer tocar — tintas e pincéis. Com isso, os médicos faziam uma derradeira tentativa de interromper o processo de envenenamento que vinha minando gravemente a sua saúde: uma reação alérgica à grande quantidade de chumbo presente em algumas tintas. A sentença era clara: ou parava de pintar ou morria. Inconsolável, ele declarou numa entrevista: “Estou proibido de viver!”. E nesse caso era morrer ou... morrer, já que era o seu trabalho a razão da sua vida e a sua própria vida. Sem ele, sem seus pincéis e tintas, de que valia continuar vivendo? E, afinal, seria então apenas isso: respirar, comer, dormir e andar de um lado para outro o que chamavam de viver? Não para um artista. Mil vezes não para um artista como Portinari. Pintar, para ele, era como escrever para Rilke, que dizia: “Se sinto que posso viver sem escrever, é porque já não mereço escrever”.

Ironia das ironias, nessa mesma ocasião Portinari foi convidado a pintar os murais *Guerra e Paz* na sede da ONU, em

Nova York: duas imensas paredes de 14 metros de altura e 10 metros de largura, e que lá estão, testemunhando uma verdade de pungente humanidade, para orgulho de todos os brasileiros. A família, os médicos, os amigos, todos, enfim, aconselharam Portinari a recusar o trabalho em benefício da sua saúde e da sua vida. Desprezando todas as recomendações, mas consciente do perigo que corria, Portinari aceitou o convite, que consumiu quase um ano inteiro de um trabalho sem descanso. Foram milhares e milhares de pinceladas que se revelariam fatais.

E foi assim, perdendo a vida pela sua arte, que Portinari saciou sua fome de viver.



e-mail: almaviva@uninet.com.br

A maior ameaça a Jade

Embora a equipe brasileira de ginástica tenha grandes expoentes individuais, as favoritas ao ouro por equipe são mesmo as americanas.

Campeãs no Pan do Rio, elas foram impulsionadas pelo desempenho de **Shawn Johnson**, na época com 15 anos. Com séries de difícil mas impecável execução, Shawn conquistou quatro medalhas de ouro na competição. Ainda no ano passado, no Mundial de Ginástica de Stuttgart, ganhou três medalhas de ouro – uma delas no individual geral, que leva em conta o desempenho em todos os aparelhos. Para completar o ano brilhante, o primeiro como profissional, Shawn foi eleita pelo Hall da Fama Internacional de Ginástica a melhor ginasta do mundo, derrotando candidatas como Anastasia Liukin, sua compatriota, e a brasileira Jade Barbosa.

AP



Shawn Johnson, estrela da ginástica americana: quatro medalhas de ouro no Pan

“Um grande garoto” –



UM GRANDE GAROTO

O príncipe dinamarquês Frederik e a noiva admiram a escultura *Boy* (“Garoto”), exposta em 2004 no museu de arte Aros, em Aarhus, Dinamarca. Antes de ocupar espaços tão aristocráticos, Ron Mueck usava seu talento para criar efeitos especiais no cinema e na televisão.

Boy (4,90x4,90x2,50 Run Mueck-Super I. Julho,2006)

Lya Luft

Velhos amantes, novos amigos

"Ex-companheiros podem se reaproximar com bondade, tolerância e parceria, porque aprenderam a ser mais tolerantes, porque ficaram mais sábios"

No meio desse mundo dominado por mediocridade e sordidez – que se manifestam sobretudo na vida pública, na qual há muito o bem do cidadão tem menos importância que o bolso e o poder dos que deviam cuidar dele –, aparecem dados positivos. Alguns, quase extraordinários, nos consolam, nos fazem pensar, nos servem de modelo. **Falo em velhos casais separados, que voltaram a ter companheiros, mas se vêem outra vez sozinhos, por viuvez ou nova separação.** Separação é sempre triste. Não há nenhuma alegrinha ou animada, tudo provoca culpa ou rancor. Filhos envolvidos sofrem sempre. O melhor que os pais podem fazer é decidir de coração aberto: "Não somos mais marido e mulher, mas somos pais desses filhos". Se isso for levado a sério, muita dor será evitada. Pessoas dignas e decentes conseguem fazer isso, passada a primeira tempestade de emoções. Os filhos convivem com pai e mãe, ambos igualmente interessados em sua vida, sua saúde, sua escola, suas amizades, seu crescimento enquanto seres humanos. O chão só se abre quando, o que é comum, os pais – ou um deles (a triste figura é em geral a materna) – usam os filhos para denegrir ou ferir o outro. Talvez o tempo nos torne mais civilizados nisso.

Ilustração Atômica Studio



Gira a roda do tempo, chega a velhice, tão amaldiçoada por uma cultura que endeusa a juventude e os dotes físicos, para pessoas com rala bagagem interior. Em lugar de curtir a experiência, a serenidade e a sabedoria de sua idade, essas pessoas correm atrás de caricaturas dos jovens que foram. Mas, repito, chega a velhice, que tem aspectos bons e ruins, assim como os tem a juventude. Os que outrora foram um casal estão mais uma vez sozinhos. Velhice

solitária pode ser triste e perigosa, pois, sendo mais frágeis, mais do que nunca os velhos precisam de cuidados e afeto, que os filhos nem sempre podem dar. E eis que ex-cônjuges, na velhice, sozinhos, resolvem voltar a morar juntos.

Vejo bocas abertas de espanto: "O quêêê? Depois de velhos?". Pois exatamente depois de velhos – para se fazerem companhia, para não pesarem demais aos filhos, seja por preocupação ou financeiramente, seja apenas pelo prazer de estarem de novo unidos – ex-casais voltam a morar juntos. Em geral, em quartos separados, como amigos de verdade. E, se for para dormirem na mesma cama, qual o problema? O que temos com a vida dos outros? O que temos com a vida de nossos pais, a não ser para lhes fazer

bem, para lhes dar carinho e cuidados, e zelar pela sua maior felicidade, depois de tudo o que nos deram?

Mas em geral não queremos o bem do outro: queremos controlar sua vida, e que ele seja feliz segundo nossos desejos. **Cansei de ver velhos homens ou velhas senhoras obrigados, pelo amor filial, a sair de suas casas, a não viajar mais, a deixar de fazer uma série de coisas boas e ainda possíveis porque "os filhos não o querem".** Lógico que, se for um perigo para o bem-estar ou a saúde, se eles forem pessoas fragilizadas ou doentes, tudo muda de figura. Mas não é sempre assim. Talvez exageremos nesse cuidado, podando vidas que ainda podiam ser produtivas ou mais felizes, cobrando inconscientemente as preocupações que nos causam. Filhos não são sempre bons filhos, pais nem sempre são bons pais.

Mas voltemos aos velhos ex-cônjuges que voltam a morar juntos: economia nas despesas, generosidade na parceria, menos aflição para os outros. No começo, em geral, há uma fase de acomodação ou readaptação: nem ele nem ela são os mesmos de antigamente. Mas os de antigamente brigavam por razões que hoje talvez não existam mais. E eles podem se reaproximar com bondade, tolerância e parceria, por novos motivos: porque as implicâncias ou a traição ou o tédio não existem mais; porque aprenderam a ser mais tolerantes;

(...)

André Petry

Eichmann em Cuba

"No Brasil, a turma que criou a estupidez dos 'direitos humanos para humanos direitos' acha que julgar civilizadamente um bandido é excesso de direitos"

Em seu magistral livro sobre o julgamento do nazista Adolf Eichmann, Hannah Arendt (1906-1975) escreveu algo que parece tão elementar que nem precisaria ser lembrado: um julgamento justo requer que o "acusado seja processado, defendido e julgado". Quando capturou e levou Eichmann ao banco dos réus, em Jerusalém, Israel falhou nisso porque montou um tribunal mais interessado em expor a dor coletiva dos judeus do que em apontar os crimes individuais do nazista. A favor de Israel, tudo se deu no início dos anos 60, quando o estado não tinha nem quinze anos, e certos crimes, como o genocídio, eram novidade jurídica. Mas o que os EUA estão fazendo em Guantánamo – do alto de sua bicentenária democracia e de um dos sistemas judiciais mais sólidos do mundo – é pantomima sem atenuantes.

Na segunda-feira, na base de Guantánamo, em Cuba, o governo americano abriu o primeiro tribunal de guerra desde a II Guerra Mundial (1939-1945). O réu é Salim Hamdan, acusado de ser motorista e segurança de Osama bin Laden e de entregar armas à Al Qaeda. Ele foi capturado no Afeganistão, com mísseis no carro, e levado à prisão de Guantánamo. Está lá há mais de seis anos. Seus advogados dizem que apanhou, ficou oito meses na solitária, sofreu constrangimento sexual e foi submetido a privação de sono por cinquenta dias.

Seu julgamento é uma palhaçada no periférico e uma vergonha no fundamental. O periférico: o réu estava sem roupa adequada para ir ao

tribunal, um acusador inventou o texto do juramento e outro abriu os trabalhos lendo um documento errado, até que o juiz pegou a cópia do papel certo das mãos de um jurado. O fundamental: as regras do tribunal foram definidas após a captura do réu, todos os jurados são militares do Pentágono, atacado em 2001, e um documento pedido pela defesa só apareceu na véspera do julgamento – tem 550 páginas. Pode-se dizer que a democracia americana não agiu como os terroristas. Podia tê-lo executado numa casamata em Kandahar, mas levou-o a Guantánamo para, bem ou mal, ser julgado. O equívoco, aqui, é defender a democracia subtraindo-lhe a essência – a civilidade.

Israel tinha razão em julgar os nazistas. Os EUA têm razão em julgar os terroristas. É daí que nasce a perplexidade: por que, tendo razão, o país faz um simulacro de justiça? Poderia julgar os terroristas em tribunais regulares, já experientes no assunto. Em vez disso, a democracia mais festejada do mundo se alia com o que há de pior no mundo. **No Brasil, é a turma que criou a estupidez dos "direitos humanos para humanos direitos" e que acha que julgar civilizadamente um bandido é excesso de direitos.**

Respeitar os direitos de ladrão de bicicleta é fácil. Difícil é respeitar os direitos de um nazista. Ou terrorista. Não se pode admitir que a democracia americana se comporte como nas farsas, nas quais o tamanho da culpa do réu serve de desculpa para o cancelamento da lei.

CRÔNICA

Manoel Carlos



Apaixonet

A filha do meu amigo Marcos, a Isaura, está apaixonada. Ele é que veio nos contar, no intervalo da nossa mesa de pôquer, quando damos uma paradinha para comer alguma coisa, beber uma taça de vinho ou tomar um café. Além de nós dois, os outros participantes do joguinho amigo e barato eram Rubinho, Cesar, Fontenelle e o Pepe, apelido do José Vicente.

— Mas qual é o problema? — perguntei. — A Isaurinha já é uma moça.

— Vinte anos.

— Tá mais do que na hora de se apaixonar — garantiu Rubinho.

— Acho até que está atrasada, que a minha Lurdinha, com 17, se apaixonou e se envolveu tanto com um sujeito que eu cheguei a pensar que ela ia fugir de casa com ele.

— Fugir por quê? — quis saber o Fontenelle. — Você era contra?

— Tinha de ser. O cara tinha 34 anos. Vejam só: ela 17 e ele 34.

— Isso é o de menos — palpitou Cesar, colocando na boca uma torrada carregada de patê de fígado.

— De menos porque não é sua filha — devolveu o pai. — E eu ainda não falei tudo.

— Também não vejo isso como um grande problema — disse eu.

— Então anota aí os predicados do sujeito: 34 anos, três filhos, o mais novo com menos de 2, separado da mulher e desempregado. Todos nós rimos, claro.

— Só falta ter sido candidato a deputado, derrotado nas últimas eleições.

— Acho que, no caso, pior seria se fosse eleito.

— O vinho já era — comunicou Rubinho, quase espremendo a garrafa na taça.

E eu abri mais uma de um Catena Zapata super-recomendado pelo meu amigo Ary.

— Mas e aí, Marcos? Você começou falando da paixão da Isaurinha e o assunto já mudou — observou o Pepe, até então calado, entretido em cortar um emmental em cubos geometricamente idênticos.

— Me interromperam, pô.

— Vai, segue — ordenou Fontenelle.

Deixa eu abrir um parêntese. O nosso amigo Fontenelle não se chama Fontenelle, mas Lúcio. O apelido ficou porque ele é muito parecido com o Fontenelle que foi diretor de trânsito aqui do Rio. Cabelo branco, cortado bem curto, pele morena. O pessoal mais velho, que por acaso esteja lendo estas linhas, há de se lembrar do homem. Mas, voltando à paixão da Isaurinha, filha do Marcos...

Tenho de abrir um outro



parêntese. Quando escrevo novela fico assim, cheio de cortes nos diálogos. Além de prolixo, já que novela exige essa condição. Mas o parêntese aberto é para contar que ninguém chamava a Isaurinha de Isaura, que ela não gostava. Achava que era nome de velha, e não de uma garota da era da internet. Isso me lembra uma tia, que dizia ser Isaura nome de mulher infeliz, porque uma Isaura vizinha dela passou horrores com o marido bêbado, vício que um filho herdou, e que acabou por levar o rapaz ao suicídio. Voltemos ao tema central.

— Ela se apaixonou pela internet.

— Ah, isso tem acontecido muito — afirmou o Rubinho. — É uma apaixonet, que é como eles chamam essas meninas ou meninos que curtem paixão virtual.

— E qual é o perigo disso? — quis saber o Pepe.

— Pô — saltou o pai da Isaurinha. — Perder uma filha pra um sujeito que eu nem sei a cara que tem!

— Mas ela sabe?

— Ela me mostrou a foto que ele mandou, via e-mail, que mal dá pra ver, porque ele está num grupo de mais dez ou doze pessoas.

Achamos que ele tinha razão em se preocupar, até porque temos lido muito, nos jornais, sobre a armadilha, a cilada que pode ser uma amizade ou, pior ainda, uma paixão via internet. E, digase de passagem, todos nós do grupo temos filhas.

— Mas eu dei uma dura nela. Exigi que ela convide o rapaz (nem sei se é rapaz!) para aparecer. Dar as caras. Que eu quero conhecer. Ver de perto. Estão apaixonados os dois? Tudo bem. Então que concretizem esse amor diante dos meus olhos!

A história, nessa noite, morreu aí. Isso aconteceu há quatro meses. Por várias razões, inclusive por questão de saúde, que o Marcos tem uma úlcera renitente, que já operou, ficamos sem ele na nossa mesa de pôquer durante todo esse tempo. Ontem ele reapareceu. Emagreceu, está com boa aparência e com muita sorte, pois chegou a fazer, durante a noite, uma quadra de ases e dois flashes.

— E aí — lembrou o Rubinho —, como é que está a apaixonet? Marcos olhou todos nos olhos, um por um, sem pressa.

— O sujeito apareceu. Apareceu e desapareceu. Tinham de ver. Um pilantra visível a 100 metros de distância. Cara de pilantra, cheiro de pilantra, andar de pilantra, vocabulário de pilantra.

— Ainda bem que desapareceu.

— Tá, ainda bem, mas a Isaurinha está grávida de três meses.

Ficamos todos nós boquiabertos. Ele concluiu:

— Enquanto ela foi apaixonet, pelo menos não correu esse risco.

Ficamos solidários. Afinal, quem tem filha tem medo.

E-mails para o colunista: almaviva@uninet.com.br

MANOEL CARLOS

O impossível amor

— **A**ndo às voltas com um amor impossível — me disse o Walter, beliscando, com o garfo, um pedacinho de queijo provolone.

Fim de uma tarde cinzenta, Café Severino cheio, e nós ali, olhando, de uma meia distância, a agitação na Livraria Argumento, que já se preparava, com o arrastar de estantes e mesas, para a noite de autógrafos de *Uma Vida Inventada*, da Maitê Proença, amiga querida, a Helena inesquecível de *Felicidade*, minha novela de 1991.

— Pelo que você me conta — palpito eu —, impossível não é o amor, mas a relação.

— Exatamente — concorda ele. — Nós nos amamos, mas somos casados e também amamos nossos parceiros oficiais: eu, minha mulher; ela, o marido.

Alice estava conosco, assim como a Doris, eterna apaixonada pelo mesmo Walter que se lamentava diante de nós. Essa informação torna esta crônica um pouco menos inocente, já que entra na história outro amor impossível: Doris é também casada e ama o marido por quem é amada.

Ah, isso é coisa de novela, dizem alguns. Pois acreditem, amigos: é a pura realidade. Está aí Alice para confirmar a história. Ela, que ouvia tudo, mas que fingia não ouvir, rabiscando um guardanapo de papel. Alice é assim. Gosta de olhar sem ser vista olhando. Ouvir sem que a surpreendam ouvindo. Dissimulada, dizem alguns. Bem, pode ser, não tenho certeza, mas me parece mais uma de suas manei-ras de se fazer encantadora.

Não sou pessimista, mas acho que na vida há mais escolhas erradas do que acertadas. Em tudo, principalmente nas uniões entre homens e mulheres. Quantas vezes ouvimos alguém exclamar, despidoradamente: “Essa me botou de quatro. Com ela eu vou até morrer!”. E quase sempre todo esse arroubo se esgota em alguns dias, às vezes em um ou dois meses, mas jamais emplaca um ano todo!

No *Samba da Bênção*, Vinícius diz: “A vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. O poeta, como sabemos, era um homem de muitos amores. Todos eternos.

Uma vez um outro amigo, o Rubinho, me falou da existência de um questionário exclusivo para homens e mulheres casados, com questões que exigiam respostas objetivas e francas. Disse que a penúltima pergunta era: se pudesse

voltar no tempo, ao estado de solteiro, com a oportunidade de escolher uma mulher para se casar, você escolheria a mesma mulher, aquela com quem acabou se casando?

Não é preciso conhecer em profundidade a natureza humana, acrescentou Rubinho, para saber que a resposta foi não — em 80% dos casos. Isso mesmo: oito entre dez homens não repetiriam a dobradinha com a mesma mulher, se pudessem recomeçar do zero. E que a mesma pergunta, feita às mulheres, demonstrou, mais uma vez, que elas são mais maduras do que os homens no quesito amor. Sete entre dez responderam que sim, que voltariam a casar-se com a mesma pessoa, caso tivessem uma nova oportunidade. Aí estão os tais desencontros. Homens, em sua maioria, não amam as mulheres pelas quais são amados. Pelo menos não com a mesma segurança,

determinação e intensidade que elas demonstram ao amá-las.

A última pergunta do questionário era: acredita em amor eterno? Os mesmos homens, em sua quase totalidade, disseram que sim, que acreditavam e que já o haviam encontrado uma vez em suas vidas, mas foram amores que não chegaram a acontecer de verdade, ou por não terem sido correspondidos ou por serem impossíveis, como esse do meu amigo Walter e da minha amiga Doris. A mesma pergunta feita às mulheres demonstrou que elas acreditavam em amor eterno e que já o haviam encontrado. Em quem? Exatamente no parceiro com quem viviam. Mais uma demonstração da maturidade feminina e da insegurança masculina? Pode ser, pode ser.

Tentei, com essas estatísticas, consolar o meu querido amigo.

Afinal, disse eu, a maioria dos homens vive um dilema sentimental, mas tenho para mim que Walter não se sentiu consolado, mantendo sua amargura. Mas Doris, ah, Doris, com a alegria que os dois amores lhe davam, saltou da cadeira quando o marido chegou ao Café Severino e lá se foram os dois, felizes, de mãos dadas, atrás do autógrafo da Maitê.

Alguém me disse, à boca pequena, que o marido de Doris vive também um amor não realizável. Há até quem desconfie que seja por Alice.

— Acho que felicidade é mais ou menos isso: viver dois grandes amores, sendo um impossível.



LEO MARTINS

e-mail: almagiva@uninet.com.br

FERNANDA TORRES

Eu amo a Barra

Eu sorrio quando estou na Barra. A razão tem menos a ver com o bairro e mais a ver com a Zona Sul e o Centro. A Barra da Tijuca salvou o velho Rio de ser demolido novamente por outra reforma imobiliária. Vivemos numa das poucas cidades do mundo que destruíram seu centro fundador. Desde que serraram o Morro do Castelo, a cidade tem mania de destruir o que existe para fazer tudo de novo. Isso, aliás, não é privilégio daqui. O psicanalista e escritor Contardo Calligaris tem um livro, chamado *Hello, Brazil!*, no qual escreve sobre o crédito que o brasileiro dá a tudo o que é novo. Estamos sempre começando do zero, como se as experiências passadas tivessem de ser apagadas, a exemplo do Morro do Castelo, para que o futuro possa existir. Estado Novo, Nova República, cruzeiro novo, cruzado novo, Cidade Nova... por aí vai.

Nos anos 70, o milagre econômico impulsionou a construção civil e a Zona Sul foi posta abaixo para dar lugar ao sonho do Sérgio Dourado, incorporador famoso na época. Minha família foi uma das vítimas da voracidade dos empreendedores imobiliários. Eu tinha 7 anos, em 1972, quando nos mudamos para a casa de número 29 da Rua Frei Leandro, no Jardim Botânico. Era uma casinha bucólica, em estilo alemão, de um arquiteto dos anos 50 que projetou inúmeras casas parecidas na região — agora restam poucas. Assisti à derrocada de uma após a outra. No lugar foram subindo prédios imensos, modernos, recheados de apartamentos. Agüentamos o baticum dos bate-estacas de uns trinta edifícios ao redor, as serras elétricas, o sol sumindo. Vimos com tristeza a demolição de uma elegantíssima mansão, parecida com um castelo, que ficava em frente à nossa casa. Fomos das últimas famílias a deixar o quarteirão. Eu já estava morando sozinha quando meus pais, vencidos, deixaram a saudosa casa por causa dos infundáveis assaltos que vieram junto com as construções. No último deles, destruíram a porta a machadadas, num fim de semana em que não havia ninguém. Hoje, quando passo na Frei Leandro, olho para o prédio que cresceu no lugar e, apesar de ele estar

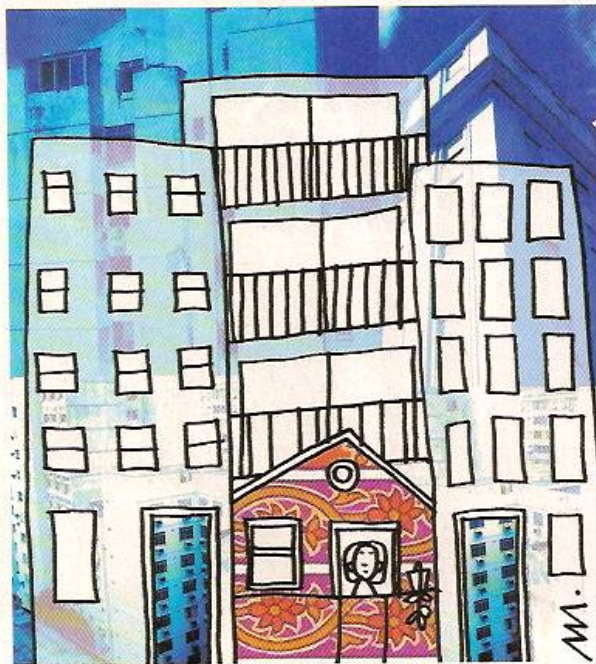
ali, concreto e deselegante, parece que continuo a ver a minha casa da infância.

As firmas construtoras usavam todos os artifícios para fazer com que as pessoas vendessem suas propriedades. Mentiam dizendo que já haviam comprado o vizinho, falavam do pesadelo que seria o bate-estaca ao lado, seduziam com as maravilhas da vida em um condomínio, diziam que era uma vergonha uma família sozinha ocupar um terreno onde poderiam viver inúmeras pessoas. Eram muito insistentes. Lembro-me de ter visitado um apartamento na Lagoa para onde queriam nos convencer a mudar. Acostumados com a amplitude, calculávamos onde enfiaríamos o cachorro poodle, o gato vira-lata e o papagaio falante. Não cabíamos nesse novo estilo de vida.

Ganhei um Fiat 147 quando fiz 18 anos. Meu grande delírio era dirigir até a Barra, fazia isso quase todos os dias ao som do Legião Urbana. A Barra ainda era um arcal e a Avenida das Américas não tinha nem um sinal. Levava uma hora para fazer o percurso. Ia até o fim da Barra, dava um mergulho e voltava de alma lavada. Hoje, gastaria três horas para cumprir o mesmo itinerário e chegaria tensa com tanto trânsito. A Barra se transformou numa segunda cidade, junção da Zona Sul com a Zona Norte. Nossa Miami de dois quartos e salas multiplicados em espigões gigantescos foi para onde o interesse das construtoras se voltou nos últimos vinte anos. Graças ao potencial lucrativo da Barra deixaram em paz Ipanema

e Leblon, o que restou do Jardim Botânico e a Gávea. Não sou contra o progresso e prefiro morar em prédio, mas acredito que sem a Barra, o pós-modernismo para lá de brega de prédios com vidros azuis espelhados teria devorado o que restou de uma certa classe arquitetônica carioca.

Por isso, cada vez que eu saio do túnel, depois de passar pelo deslumbrante viaduto cai-não-cai que margeia a Estrada do Joá, e leio o outdoor me convocando a sorrir, eu obedeco. Porque estou na Barra.



e-mail: fernanda.torres.vejario@gmail.com

Entrevista: José Alencar

"Saúde de Minas"

O vice-presidente da República fala sobre sua luta contra o câncer e diz que "o Brasil está com saúde de Minas Gerais", referindo-se à sucessão presidencial

Fábio Portela

Ana Araújo



"Há dois meses fiz um exame e lá estava o tumor outra vez. Não é brincadeira"

O vice-presidente da República, José Alencar, luta contra o sarcoma, um tipo de câncer que ataca músculos, entre outros tecidos – no caso dele, nas costas. Depois de três cirurgias e séries de quimio e radioterapia feitas nos últimos dois anos, Alencar é um paciente que, mesmo diante de diagnósticos negativos, sorri, anima a família e até os médicos. "Não penso na morte", diz. Aos 76 anos, o vice-presidente adora conversar sobre seu futuro político e acredita que ainda tem "três ou quatro" eleições pela frente. Fala e gesticula com vitalidade. Só a lentidão dos passos denuncia o impacto da doença e os efeitos colaterais dos tratamentos sobre seu corpo. Na semana passada, ele recebeu VEJA por três horas no Palácio do Planalto, contou piadas, tomou café... e fumou duas cigarrilhas.

Como está o seu quadro clínico?

No começo do ano, achei que tinha me livrado do câncer. Depois de passar por uma série de sessões de radiofrequência, meus exames indicavam que não havia mais nem sinal de tumor. Minha família, meus amigos e eu estávamos todos muito satisfeitos. Mas há dois meses fiz um exame e lá estava um tumor. Desta vez, em outro ponto. Não é brincadeira. Tenho um tipo de câncer chamado sarcoma. Esse câncer é recorrente. Mesmo depois de extirpado, pode voltar.

As sessões de radioterapia serão retomadas?

Não. Vamos **tentar um novo tratamento de quimioterapia, baseado em um medicamento espanhol recentíssimo, o Yondelis**. É produzido por um laboratório chamado PharmaMar, que fez pesquisa nos últimos vinte anos no fundo do mar. Descobriu lá alguma coisa que serve de base para esse remédio. O medicamento dá resultados surpreendentes no tratamento do sarcoma. O problema é que há mais de cinquenta tipos de sarcoma. Analisaram o material biológico do meu na Espanha e concluíram que ele é muito sensível ao princípio ativo do remédio. Fiz a primeira sessão com Yondelis há quinze dias. Ainda farei mais duas. Estou com muita esperança.

O senhor já havia se submetido a quimioterapia?

Já, no ano passado. Mas foi com outro medicamento. Como a quimioterapia faz cair os pêlos, raspei o bigode, que usei por muito tempo. Minha mulher e minhas filhas acharam que ficou muito melhor. A quimioterapia também causa queda de glóbulos vermelhos, glóbulos brancos, plaquetas e dá um cansaço grande. Mas não é nada que não possa ser superado.

Há quanto tempo o senhor luta contra o câncer?

Fui operado pela primeira vez de câncer em 1997, antes da minha primeira eleição para senador. Daquela vez, retirei tumores do rim e do estômago. Em 2002, quando já tinha aceitado o convite do Lula para ser vice, descobri um câncer na próstata. Também tirei. Em 2004 fui operado da vesícula. Nesse caso, não era câncer. Era só cálculo. Em 2006, no meio da campanha da reeleição, começou o sarcoma. Fui operado em Nova York pelo doutor Murray Brennan, um especialista nesse tipo de tumor. Onze meses depois, o sarcoma voltou. Ele reaparece no tecido muscular, sempre nas costas. No começo deste ano, fiz a radiofrequência. Foram seis sessões de rádio, nas quais o tumor foi submetido por doze minutos a uma temperatura de quase 100 graus. São 72 minutos de fogo em cima dele. Todo mundo achou que ele tinha sumido. Mas voltou.

Quer dizer que em toda a sua vida política o senhor conviveu com um câncer?

A única eleição que disputei antes do câncer eu perdi. Foi em 1994, para governador de Minas. Em 1997, fui operado e, no ano seguinte, venci a eleição para senador. Em 2002, fui operado e virei vice. Em 2006, fui operado e reeleito. Nunca tinha relacionado uma coisa à outra. Pensando bem, se eu for operado de novo, é capaz de continuar ganhando eleições, não é?

O senhor realmente não se deixa abater...

Tenho fé em Deus. Um grande grego falou que não tinha medo da morte, tinha medo da desonra. Não me lembro se era Sócrates ou Péricles*. Digo a mesma coisa. Não penso na morte. O negócio é muito simples: todo mundo vai morrer. Por isso, não tem de ter medo. No dia em que Deus quiser me levar, não precisa nem de câncer. Você tem de ter fé em Deus e fazer a sua parte.

O que o senhor quer dizer com "fazer a sua parte"?

Obedecer rigorosamente ao oncologista. Seguir as ordens à risca. Pego todos os meus tumores em estado incipiente. Isso, aliás, todo mundo deveria saber: o fator mais importante no tratamento do câncer é o diagnóstico precoce. Tanto que pedi ao ministro José Gomes Temporão, da Saúde, para instalar na rede do SUS um aparelho chamado PET, que faz imagens da cabeça aos pés do paciente. Por menor que seja o tumor, ele detecta. É caro, mas temos de fazer um esforço. Porém, como eu digo, vice não manda, vice apenas pede.

O senhor mudou alguns hábitos pessoais por causa do câncer?

Não. Apenas deixei de beber vinho e uísque durante a quimioterapia. Não estou tomando bebida alcoólica, mas isso é porque a minha mulher não deixa, e encrenca comigo. Porque, vamos falar a verdade, uma taça de vinho não faz mal. Mas eu não estou tomando.

O senhor faz exercícios?

Faço. Todo dia.

O quê? Caminhada?

Não. Meu exercício é outro. Movimento os braços e as pernas. Mas é bom. Foi orientado por um professor de educação física. Apreendi as séries e faço em casa. Minha mulher acha graça. Diz que eu conto prosa e que não faço exercício coisa nenhuma. Mas faço.

O senhor está fumando?

São cigarrilhas. Mas todos os exames indicam que meu pulmão está limpo.

O senhor também fuma cigarros?

Fumei durante muitos anos, mas parei. Cigarrilha é diferente. Fumo uma, duas por dia. No máximo, cinco. E isso nas noites em que a gente dá uma esticada.

O presidente Lula gosta de uma cigarrilha, não é?

Foi ele quem me ensinou, aliás. Nós fumamos da mesma marca. É o nosso cachimbo da paz.

Vocês parecem ter ficado muito amigos, e as suas famílias também.

Somos muito ligados. Até do ponto de vista espiritual. Nossos objetivos maiores são os mesmos. A gente não se encontra mais nos fins de semana, porque a agenda dele é muito pesada.

Como é o presidente no dia-a-dia no Planalto?

Uma das qualidades mais extraordinárias dele é saber ouvir. Ele tem uma sensibilidade incomum. Consegue captar tudo o que está se passando. Politicamente, é um craque. Acho que não há nenhum outro como o Lula. Mais importante, talvez, é ele conhecer o Brasil como ninguém. Já viajou por todo o país várias vezes. Não há um canto do território que o presidente não saiba como é.

Que legado o senhor acha que o governo de vocês deixará?

O vice é só um coadjuvante. Não pode ser posto no mesmo patamar do presidente. O governo é do Lula – e é admirável. O maior legado será o prestígio que o Brasil passou a ter no exterior. Em todos os continentes, Lula é conhecido e admirado. Antes, quando um estrangeiro conhecia um brasileiro, dizia: "Viva Pelé! Viva Pelé". Agora, perguntam: "E o Lula?". No campo das relações externas, nunca houve um presidente que se aproximasse, ainda que distante, do trabalho que ele tem feito. Outra coisa importante é a acuidade com que Lula trata os problemas sociais. Ele tem uma marca de alta responsabilidade social. Isso vai ficar para o futuro. Uma das coisas que mais o realizam é essa melhora na distribuição de renda no Brasil. Esse crescimento da classe média brasileira, resgatando pessoas que estavam abaixo da linha da pobreza.

O que o senhor acha da idéia do terceiro mandato, que volta e meia surge entre os petistas?

A Constituição não permite. Mas a verdade – eu já falei e vou repetir – é que, se alguém perguntar o que o povo deseja, vai ouvir que o povo quer que o presidente Lula continue no poder. E por motivos óbvios: o bom desempenho da economia, a sensibilidade com os programas sociais, o apreço às camadas menos favorecidas da sociedade. Mas, para o presidente Lula, isso está fora de cogitação. Ele não topa de forma nenhuma.

Como a base aliada se comportará na sucessão, em 2010? Terá um só candidato?

O candidato do presidente da República será um só. Não pode haver dois. Como é que o presidente vai apoiar dois? Isso não existe.

O ex-ministro Ciro Gomes, por exemplo, sonha em ser candidato, mesmo sem o apoio do PT, e espera contar com algum apoio do presidente Lula.

Nós temos pelo Ciro a maior admiração, mas isso só ele pode responder. Estou dizendo que, se o presidente tiver candidato, será um, não serão dois. Isso é óbvio ululante. O presidente pode ter amizade com "n" candidatos, mas apoiará apenas um.

O presidente tem repetido que a candidata dele é a ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil. O senhor a considera o melhor nome para a sucessão?

Se o Lula diz, foi ele que falou. Não posso fazer esse tipo de comparação. Ainda está muito cedo. A Dilma, apesar de muito ligada ao Rio Grande do Sul, é mineira. E o Brasil está com saudade de Minas.

Sempre que se fala em sucessão, e em Minas, fala-se no governador Aécio Neves, do PSDB. O senhor o considera preparado para ser presidente?

Já admirava o Aécio antes de ele nascer, porque fui amigo dos dois avôs dele. O avô paterno, que foi o deputado Tristão da Cunha, e o materno, que foi o presidente Tancredo Neves. O Aécio é um homem público bem-nascido. Possui todos os títulos para ser presidente. Agora, é claro que, se você faz uma análise de outros nomes de Minas, há muita gente além do Aécio que poderia ajudar a matar a saudade que o Brasil está sentindo de Minas Gerais.

Quem, por exemplo?

Patrus Ananias, o ministro do Desenvolvimento Social. Guarde bem esse nome. Ele será um grande político nacional. Ele é o responsável por um dos maiores sucessos do governo Lula, que é o Bolsa Família. É um moço de ouro.

E o senhor, que afinal também é mineiro, gostaria de ser presidente da República?

Veja bem, tenho 76 anos. Quando terminar o mandato, terei 79. O que é que eu posso querer mais da vida? No máximo, disputar mais umas três ou quatro eleições.

Mas poderia ser uma eleição para presidente?

Há muitos outros cargos que nunca ocupei. Por exemplo, não fui vereador na minha terra.

Qual é a sua terra?

Tenho muitas. Nasci em uma cidade, casei em outra... Minhas terras são muitas.

Muita gente diz que, se Lula quiser voltar em 2014, a melhor opção seria apoiar o senhor em 2010...

Eu ouço isso demais. Mas, em política, as coisas às vezes acontecem independentemente de você estar fazendo plano antecipado. Não significa que essa possibilidade já tenha passado pela minha cabeça. Não passou. Agora, se você perguntar a qualquer homem público se ele gostaria de ser presidente, e ele responder com sinceridade, vai dizer que sim. Eu posso afirmar que continuo sendo um soldado. Quando ingressei na vida pública, foi para valer. Não foi para botar um pé e sair. Ingressei confiante de que poderia ser útil ao meu país.